

A FICÇÃO CLIMÁTICA COMO MEIO DE DEBATE PARA MITIGAR OS  
RISCOS DO ANTROPOCENO

CLIMATE CHANGE FICTION AS A MEANS OF DEBATE TO MITIGATE  
THE RISKS OF THE ANTHROPOCENE

Suênio Stevenson Tomaz da Silva<sup>1</sup>

**Resumo**

É seguro afirmar que um dos maiores riscos da contemporaneidade concerne às mudanças climáticas. O assunto permeia os noticiários do mundo inteiro, uma vez que o aumento da temperatura do planeta compromete a sobrevivência de seres humanos e não humanos. Diante disso, esta proposta de trabalho pretende discutir as mudanças climáticas a partir de textos literários, mais especificamente com o foco no gênero *Cli-fi*, ou ficção climática, como é mais conhecida em língua portuguesa. Para tal, selecionei dois romances da literatura brasileira contemporânea: *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, e *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Borges Polesso. O primeiro livro nos apresenta um universo ficcional em que o sol, com seu aquecimento violento, transforma o planeta em uma atmosfera pestilencial. O segundo romance, por sua vez, nos oferece um cenário temeroso, no qual se evidencia a quase extinção da referida espécie, que é necessária para a polinização das plantas, para a vegetação, e conseqüentemente para a cadeia alimentar. Como método de análise, utilizei os pressupostos da Literatura Comparada para desenvolver um estudo comparativo entre os dois romances. Além disso, reflexões teóricas oriundas das humanidades ambientais, em especial da ecocrítica, permitiram a realização deste breve artigo, cujo objetivo principal é discutir as mudanças climáticas como um dos riscos do Antropoceno.

**Palavras-chave:** Ficção climática, Literatura Contemporânea, Humanidades Ambientais, Antropoceno, Riscos.

**Abstract**

We can state that one of the major risks of the contemporaneity concerns climate change. This issue pervades the news all of the world, as the temperature rise threatens the survival of both humans and nonhumans. Thereby, this proposal aims at discussing climate change from literary texts, by focusing on the genre climate change fiction (*cli-fi*). For such aim, I selected two contemporary Brazilian novels, namely: Ignácio de Loyola Brandão's *Não verás país nenhum* [You won't see no country] (1981) and Natalia Borges Polesso's *A extinção das abelhas* [The extinction of bees] (2021). The former book shows us a fictional world in which, the sun and its violent warm, transforms the planet in a pestilential atmosphere. The latter novels, in turn, offers us a

<sup>1</sup> Professor adjunto de literaturas anglófonas na Universidade Federal de Campina Grande. Tem doutorado em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Desenvolve e orienta pesquisas na interface literatura e meio ambiente. E-mail: [suenio.stevenson@professor.ufcg.edu.br](mailto:suenio.stevenson@professor.ufcg.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6325-1980>

frightful scenario in which the bees are endangered species. As we know, they are necessary for the pollination of plants and vegetation, and consequently for the food chain. As a method of analysis, I relied on Comparative Literature assumptions to carry out a comparative study of the aforementioned novels. Furthermore, theoretical reflections originated from environmental humanities, especially from ecocriticism, allow the accomplishment of this brief paper whose main objective is to discuss climate change as one risk of the Anthropocene.

**Keywords:** Climate Change Fiction, Contemporary Literature, Environmental Humanities, Anthropocene, Risks.

## 1. Introdução

A emergência climática é um desafio de proporções globais, impactando localidades e ecossistemas diferentemente ao redor do planeta. Como professor de literaturas de língua inglesa e pesquisador de *cli-fi* (*climate change fiction*), ou ficção climática em português, tenho observado o potencial desse gênero em comunicar aquele que é, se possível afirmar, o maior problema da contemporaneidade: as mudanças climáticas. Tal desequilíbrio tem afetado a vida no planeta, conforme vem sendo noticiado cotidianamente em vários meios de comunicação.

Nos últimos meses, o nosso olhar tem se voltado para o desastre climático ocorrido no Rio Grande do Sul, onde vidas humanas e não humanas foram ceifadas (sem mencionar aqui outras consequências catastróficas em um contexto mais amplo de multirrisco) em decorrência de inundações devastadoras. Mais recentemente, os noticiários têm nos mostrado as queimadas que o Pantanal tem sofrido, devido à estiagem prolongada naquela região. É seguro afirmar, ainda, que as irregularidades nos níveis pluviométricos estão diretamente relacionadas com a desestabilização do clima. Estes dois exemplos apenas acentuam a urgência do tema e a necessidade de atentarmos para alternativas de mitigação de eventos climáticos extremos, que serão, possivelmente, cada vez mais frequentes. O tom pode parecer alarmista, digno de uma ficção (pós)apocalíptica, mas condiz com o nosso momento atual. Talvez, por este motivo, a produção literária contemporânea, sobretudo a ficcional com tons distópicos e/ou pós-apocalípticos, tem nos apresentado possibilidades de cenários desoladores em relação ao futuro da Terra.

Diante do exposto, este artigo pretende discutir o tema das mudanças climáticas a partir de dois romances da literatura brasileira contemporânea, a saber: *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, e *A extinção das abelhas* (2021), de

Natalia Borges Polesso. Como se vê, quarenta anos separam um romance do outro no que se refere à publicação de ambos; contudo, eles dialogam dentro do tema que é o fio condutor da discussão ora apresentada.

Como método de escrita para este artigo, recorro aos pressupostos da Literatura Comparada, que dentro de seu escopo de aplicação, permite-nos propor estudos comparativos entre obras literárias distintas, como pretende este meu estudo que se debruce sobre os romances acima mencionados. Nessa perspectiva, convém citar Sandra Nitrini (2000, p. 24) quando afirma que “a literatura comparada tem seu objeto e método próprios. O objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si”.

Não pretendo aqui aprofundar teorizações acerca do método em questão, nem tratarei de diversas literaturas, conforme é sugerido na afirmação acima. Meu foco centra-se na comparação de dois romances que se interligam em termos de conteúdo. Além disso, o assunto do desequilíbrio climático permite-me ainda estabelecer uma relação entre a literatura e outra área do conhecimento: o meio ambiente, mais especificamente a questão do clima e seus possíveis riscos.

Desta feita, as mudanças climáticas e suas consequências em dois universos ficcionais, sob as perspectivas de Brandão e de Polesso, serão evocadas ao longo deste texto. Para guiar minhas reflexões comparativas, recorro ao aporte teórico das humanidades ambientais que “oferecem um conjunto rico de produção acadêmica em que se combinam *insights* provenientes de muitas áreas de pesquisa” (OPPERMANN; IOVINO, 2017, p. 1, tradução minha)<sup>2</sup>. Nesse contexto transdisciplinar, a ecocrítica se apresenta como um método de leitura e de análise de textos literários, pois concerne ao estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico, adotando uma abordagem centrada na Terra (GLOTFELTY *apud* GARRARD, 2006). Ao trilhar meu percurso pelas pesquisas ecocríticas, deparei-me com a ficção climática que despertou ainda mais meus interesses em analisar tal gênero sobre o qual tratarei brevemente na próxima seção.

## **2. A ficção climática e sua interface com os multiriscos do Antropoceno**

<sup>2</sup> No original: “offer a rich array of scholarship with combined insights from many research fields”.

Nos últimos anos, tenho direcionado minhas pesquisas ao gênero literário, denominado de ficção climática, ou *cli-fi*, como é conhecido na língua inglesa. Tal termo, cunhado em 2012, pode ser verificado dentro de uma ampla variedade de gêneros ou formatos, visto que “[e]ntre 2000 e 2010, as mudanças climáticas tornaram-se o tema de filmes estadunidenses, documentários, séries de TV, músicas, feeds de Twitter, romances gráficos, contos, peças teatrais, poemas e romances” (SCHNEIDER-MAYERSON, 2018, p. 309, tradução minha)<sup>3</sup>.

Gostaria de fazer um adendo para lembrar que a ficção climática não se restringe apenas à produção cultural e literária dos Estados Unidos da América. Por intermédio de minhas pesquisas, sobretudo aquelas guiadas pela Literatura Comparada, pude constatar que algumas narrativas ficcionais brasileiras problematizam as consequências de ações antropogênicas, a exemplo de *Não verás pais nenhum* e *A extinção das abelhas*, os quais serão cotejados mais adiante. Por ora, vale frisar que o Antropoceno emerge como um conceito-chave importante para os estudos ecocríticos. De modo objetivo, tal ideia tem a ver com o momento histórico em que a espécie humana se tornou uma força geológica capaz de alterar a vida do planeta. Embora não haja um consenso acerca de uma data-limite para o início da referida era geológica, o fato é que a ação humana indubitavelmente coincide com o desequilíbrio do clima global.

Cientistas de várias áreas têm se debruçado sobre esta questão. Nós, das humanidades ambientais, por exemplo, tomamos emprestado a ideia de Antropoceno da geologia e a incorporamos no nosso vocabulário na medida em que lemos e analisamos textos literários sob a égide de tal conceito. Assim sendo, na esteira de reflexão de Menely e Taylor (2017), defendo aqui que o Antropoceno emerge como uma nova rubrica para ler textos literários na contemporaneidade. Os autores inclusive asseveram que:

uma prática de *leitura* de inscrições estratigráficas e de *narração* de histórias sugestivas, mesmo que improváveis – torna-se ainda mais acentuada durante o Antropoceno, esta que se propõe como sendo a época geológica na qual os humanos, coletivamente, passaram a competir com “algumas das grandes forças da natureza em [nosso] impacto no funcionamento do sistema da Terra” (MENELY; TAYLOR, 2017, p. 02, grifos dos autores, tradução minha)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> No original: “Between 2000 and 2010, climate change became the subject of scores of American films, documentaries, TV series, songs, Twitter feeds, graphic novels, short stories, plays, poems, and novels”.

<sup>4</sup> No original: “a practice of reading stratigraphic inscriptions and narrating evocative, if improbable, stories – become more pronounced in the Anthropocene, the proposed geological epoch in which humans, collectively, have become to rival ‘some of the great forces of Nature in [our] impact on the functioning

Nosso impacto no planeta já é bastante notório e a recorrência do tema das mudanças climáticas nas várias mídias existentes, denotam a preocupação em torno do assunto. O fluxo das informações sobre o clima é tão intenso, e se amplifica ainda mais devido à alta conectividade propiciada pela Internet, que é uma característica latente do mundo contemporâneo. Percebo que essa repetição a respeito da emergência climática tem uma função muito importante – comunicar sobre um problema que atinge todo planeta.

A despeito de tantas evidências científicas e notícias jornalísticas, há ainda um grupo de pessoas, os assim denominados de negacionistas, que insistem em minimizar os efeitos da desestabilização do clima. Por este motivo, para somar esforços no intuito de propor ações de mitigação das consequências das mudanças climáticas, precisamos da colaboração de todas as frentes possíveis. A ficção climática, do âmbito da literatura, emerge nessa direção. Pelo menos para mim, ler e analisar textos literários nesta perspectiva foi um divisor de águas no meu entendimento acerca do tema. Antonia Mehnert (2016), em seu estudo sobre algumas obras da literatura estadunidense contemporânea, nos oferece um conceito bem lúcido no que diz respeito à ficção climática, o qual destaco abaixo:

A ficção climática – literatura que trata explicitamente da mudança climática antropogênica – evoca ideias quanto às ramificações éticas e sociais desta crise ambiental sem precedentes, reflete as nossas condições políticas atuais que impedem ações em face das mudanças climáticas, explora como o risco se materializa e afeta a sociedade, e finalmente, exerce um papel ativo na formação da nossa concepção de mudança climática. Ela funciona, portanto, como uma empreitada político-cultural e alternativa inovadora de comunicação sobre as mudanças climáticas (MEHNERT, 2016, p. 4, tradução minha).<sup>5</sup>

A meu ver, este conceito de *cli-fi* é bastante completo, já que traz à tona todos os elementos característicos do gênero, facilitando assim a compreensão a seu respeito, como ocorreu comigo no primeiro contato com tal proposta. Em qualquer oportunidade que tenho para falar sobre o assunto, eu recorro a essas palavras de Mehnert, sobremaneira as últimas linhas da citação em que a estudiosa ressalta a função político-cultural da ficção climática e seu potencial em comunicar a problemática do clima. Para

of the Earth system”.

<sup>5</sup> No original: “Climate change fiction – Literature dealing explicitly with anthropogenic climate change – gives insight into the ethical and social ramifications of this unparalleled environmental crisis, reflects our current political conditions that impede action on climate change, explores how risk materializes and affects society, and finally plays an active part in shaping our conception of climate change. It thus serves as a cultural-political attempt and innovative alternative of communicating climate change”.

fins de delimitação da discussão do presente artigo, gostaria de retomar a ideia de risco e como este “se materializa e afeta a sociedade”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Molly Wallace (2016) nos oferece uma reflexão pertinente quanto à linguagem do risco, ou como ela propõe: a crítica do risco, em seu *Risk Criticism: Precautionary Reading in an Age of Environmental Uncertainty* [A crítica do risco: leitura para precaução em um era de incerteza ambiental]. O título do livro evidencia três palavras-chave importantes na discussão desenvolvida por Wallace, a saber: risco, incerteza e precaução. Das três palavras, acredito ser válido elaborar sobre a última, sem perder de vista a sua relação intrínseca com as duas primeiras. Nas palavras da autora, portanto,

A precaução emergiu como uma resposta ao risco, propiciando uma alternativa para sua avaliação cientificamente embasada que, enquanto se foca no futuro, enfatiza sua incerteza, imprevisibilidade, e incalculabilidade, enquanto uma prática precauciosa de leitura poderia oferecer subsídios aos críticos de risco, interessados em rastrear suas consequências ético-políticas assim como prevenir potencialmente, as ecocatástrofes (WALLACE, 2016, p. 20, tradução minha).<sup>6</sup>

Dito de outra maneira, precaução consiste numa palavra relevante quando se pensa nos riscos iminentes das mudanças climáticas. Precaução, dessa forma, seria uma palavra de ordem para entender e agir em um cenário de multiriscos, típico das catástrofes ambientais decorrentes do desequilíbrio climático, a exemplo do que mencionei em relação ao Rio Grande do Sul e ao Pantanal do centro-oeste brasileiro nas considerações iniciais acima.

O que nos entristece, pelo menos a mim, é que apesar das incertezas que pairam em torno das mudanças climáticas, conforme o pensamento de Wallace, os riscos acima mencionados poderiam ter sido evitados: as inundações no Sul e os incêndios florestais no Pantanal já aconteceram em outros momentos. E os cientistas já vêm alertando sobre a recorrência de tais eventos extremos com o fito de, pelo menos, amenizar os seus impactos. Daí a importância de pensar a precaução como uma resposta aos vários riscos, visto que vivemos na era global do risco, utilizando aqui a própria terminologia de Wallace. Neste ponto, concordo com a autora e acredito na união de diferentes áreas do

<sup>6</sup> No original: Precaution has emerged as a response to risk, offering an alternative to science-based risk assessment that, while also focused on the future, emphasizes its uncertainty, unpredictability, and incalculability, and a precautionary reading practice might offer a mode for risk critics, interested both in tracking the ethico-political consequences of risk and potentially in forestalling ecocatastrophe.

conhecimento no enfrentamento das mudanças climáticas, como podemos encontrar em pesquisas transdisciplinares das humanidades ambientais.

De minha parte, ocupo-me da ficção climática que, em certa medida, traduz os dados científicos para a linguagem literária, comunicando a emergência planetária da desestabilização do clima. O pensamento de Ailton Krenak tem sido uma leitura recorrente nos meus estudos ecocríticos. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor indígena nos provoca a (re)pensar a maneira como tratamos a natureza, influenciados por “um monte de corporações espertalhonas [que] vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios” (KRENAK, 2019, p. 20).

Tal comentário do filósofo indígena se apresenta como lúcido e ecoa diretamente nos romances de Brandão e de Polesso, no que se refere a um planeta praticamente devastado. Neles a crença no poder da tecnologia em reverter tal cenário é na verdade um grande mito. Mesmo assim, *Não verás país nenhum* e *A extinção das Abelhas* emergem como alternativas inovadoras para tratar do assunto das mudanças climáticas, conforme será evidenciado na próxima seção.

### **3. Não teremos planeta algum com a extinção das abelhas (e de outras espécies)**

Não teremos planeta algum, caso as abelhas sejam extintas. Proponho esse trocadilho com base nos títulos dos romances de Brandão e de Polesso para iniciar esta seção, cujo foco será a análise de duas narrativas que dialogam entre si e com o tema das mudanças climáticas, conforme venho enfatizando. Estabelecer essa conexão inicial entre *Não verás país nenhum* e *A extinção das abelhas*, é uma tentativa de já evidenciar minha proposta de um estudo comparatista. Além disso, como leitor/pesquisador/professor de literatura sempre me atento aos títulos das obras, pois eles anunciam, na maioria das vezes, as temáticas que serão exploradas nas tessituras narrativas. Os livros em questão foram selecionados para esta discussão porque desde as primeiras linhas, nos deparamos com o problema do clima e suas repercussões nas vidas das personagens.

*Não verás pais nenhum*, publicado em 1981, é narrado majoritariamente sob o ponto de vista de Souza, um ex-professor de história que vive numa sociedade distópica onde o controle social e a constante vigilância causam nos indivíduos uma sensação contínua de ansiedade e de medo. Neste cenário, Ignácio de Loyola Brandão problematiza a devastação do meio ambiente e as consequências para a sobrevivência das pessoas, como é revelado nas palavras do narrador na seguinte passagem: “Vivíamos na ansiedade pela ocasião que haveria de chegar. Assim, nossa vida se estendia como um elástico. Esticava-se ao ponto máximo, atingindo o estado de tensão, incômoda inquietação” (BRANDÃO, 2019, p. 16-17).

O mesmo tom de aflição, que caracteriza a narração de Souza, permeia a história contada sob a perspectiva de Regina em *A extinção das abelhas*. A narradora, portanto, nos diz o seguinte: “Eu sonho com incêndios, com fogo e destruição. Acordo e não lembro se sonhei ou se aquilo é o passado. Talvez seja um futuro” (POLESSO, 2021, p. 13). Nesse romance de Natalia Borges Polessso, publicado em 2021, é possível perceber as mesmas preocupações evidenciadas no livro de Brandão, que foi lançado quarenta anos atrás. Mesmo com a distância temporal entre ambos, as duas narrativas se inserem dentro do grupo da literatura brasileira contemporânea. Além deste aspecto, o fato de os livros terem protagonistas narradores e tratarem do tema das mudanças climáticas, ajudam a justificar minha escolha analítica para este artigo.

Eu defendo que os dois livros se categorizam como ficção climática. Entretanto, eles trazem elementos recorrentes da ficção distópica. Esta certamente acomoda as características do gênero *cli-fi*, ou vice-versa. O fato é que a literatura contemporânea se apresenta de modo fluido e que qualquer tentativa de classificação, incorreríamos no risco de uma limitação. Assim sendo, ficção climática e distopia se interseccionam, e, portanto, *Não verás pais nenhum* e *A extinção das abelhas* são exemplos de tal entrecruzamento. O que podemos acrescentar concerne ao tom pessimista, ao controle social, e às famílias disfuncionais que são alguns dos aspectos inerentes às referidas narrativas. Ao longo desta análise com os excertos das obras, algumas dessas características do gênero distopia deverão ser retomadas.

Ainda no que diz respeito ao tom distópico que permeia as narrativas, algumas breves considerações nesse sentido precisam ser feitas. Cabe citar, portanto, Perrone-Moisés (2016, p. 221) quando ela afirma que “Quanto à literatura, não é de hoje que ela apresenta o homem e a sociedade em estado catastrófico e possivelmente terminal. A

distopia já predominava na literatura desde o fim do século XIX”. Ao longo do século XX, romances distópicos se proliferaram a partir de uma tradição estabelecida por *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e os emblemáticos *Revolução dos Bichos* e *1984*, de George Orwell. Além desses, outros nomes da literatura contemporânea em língua inglesa merecem destaque quanto ao gênero distopia, tais como, a estadunidense Octavia Butler e da canadense Margaret Atwood. Essa última ganhou projeção internacional ao publicar *O conto da aia*, em 1985, romance tido como um exemplo de distopia feminista.

Eu arriscaria dizer que esses autores e autoras, em certa medida, influenciaram a produção literária de distopias em outros contextos. Aqui no Brasil, o gênero vem se consolidando nos últimos anos. Dois romancistas que “publicaram obras que podem ser chamadas de pós-utópicas ou distópicas: Ricardo Lísias e Bernardo Carvalho” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 231). Esta breve lista deverá ser atualizada, considerando as publicações mais recentes de Natalia Borges Polessso, em especial *A extinção das abelhas*, cuja ideia central do livro pode ser ilustrada na citação abaixo:

Não pode mais matar abelha. [...] Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização (POLESSO, 2021, p. 17).

Sabe-se que a extinção das espécies, de um modo geral, e mais especificamente, a das abelhas, é um risco que compromete a própria sobrevivência humana. E o discurso de que a tecnologia superará a natureza é um tanto perigoso, pois alguns danos causados ao meio ambiente poderão ser irreversíveis, como aqueles ocasionados pelas mudanças climáticas. A narrativa de Polessso ainda nos apresenta a criação de um colapsômetro como “medida de proteção e segurança planetária”. Esse instrumento metaforiza explicitamente a condição de um universo ficcional em colapso. Nessa perspectiva, lemos ainda no texto a presença de “um enorme termômetro, que marcava a “temperatura”, de vários índices em vários lugares do mundo. Os limites tinham que ser respeitados por todos” (POLESSO, 2021, p. 25). No plano do real, tais limites são, grosso modo, negligenciados, e por conseguinte, os desastres climáticos atingem as pessoas que vivem em condições de maior vulnerabilidade social.

Em *Não verás país nenhum*, a voz narrativa sugere que a negligência e a ausência de precaução dos riscos iminentes deixaram o Brasil destruído, ou como o protagonista do referido romance nos fala: “O país despedaçado, os brasileiros expulsos de suas terras, as árvores esgotadas, o deserto lá em cima” (BRANDÃO, 2019, p. 79). O aumentativo de deserto evidencia um risco que, no plano ficcional, já atingiu a região do nordeste brasileiro, a saber: o processo de desertificação do semiárido. Tal processo foi certamente acelerado pelo desequilíbrio climático. Ainda no Brasil da ficção climática de Brandão, o que chama nossa atenção é a escassez de água, revelada por situações em que o controle de tal bem natural é feito por um sistema governo, chamado de Esquema, que distribui fichas à população. Isso fica claro no comentário de Souza que diz o seguinte: “Se ela encontrar a ficha, teremos água para mais dois dias. Economizando, uns três. Não mais” (BRANDÃO, 2019, p. 50). Além disso, nesse contexto de racionamento contínuo, a urina humana é reciclada como água e

é comercializada. Com a falta de água, aparelhos recolhem os mijos saudáveis numa caixa central, se procede à reciclagem. Há mistura, tratamento químico intenso, filtragem, purificação, refinamento, transformação. A urina retorna branca, pura, sem cheiro, esterilizada. Dizem que dá para beber. Eu é que não vou experimentar. Nem o mijo meu, quanto mais o dos outros (BRANDÃO, 2019, p. 32).

A descrição parece exagerada, mas é concebível se consideramos que a ficção distópica e a climática são contempladas dentro do termo guarda-chuva, conhecido com ficção especulativa. Uma grande defensora do gênero é Margaret Atwood. Nessa esteira de reflexão, convém considerar o que esta autora canadense discorre sobre o papel de escritoras e escritoras. Segundo ela afirma,

escritores escrevem a respeito daquilo que nos preocupa, e o mundo de *Oryx e Crake* é o que me preocupa agora, neste momento. Não é uma questão de nossas invenções – todas as invenções humanas são apenas ferramentas -, mas do que pode ser feito por elas; pois, por mais alta que seja a tecnologia, o *homo sapiens* continua sendo, no fundo, o que tem sido ao longo de dezenas de milhares de anos – as mesmas emoções, as mesmas preocupações (ATWOOD, 2009, p. 348).

Esta mensagem de Atwood foi escrita no ano da publicação de seu *Oryx e Crake* (2003), romance distópico que trata de um cenário pós-apocalíptico em que a espécie humana foi quase aniquilada por experimentos biotecnológicos. No âmbito da obra da

autora canadense, o tema da extinção das espécies é uma especulação fundamentada nas evidências do mundo real. Tais especulações permitem-me inclusive estabelecer uma ponte com a ideia de que a tecnologia irá superar a natureza, conforme é narrado em *A extinção das abelhas*. Entretanto, os resultados ficcionalizados na narrativa atwoodiana foram desastrosos, deixando o planeta numa situação caótica em que os únicos remanescentes da raça humana lutam pela sobrevivência, convivendo com seres híbridos e um grupo de humanoides, resultado de experiências de engenharia genética.

Como se vê, o enredo traz tons inerentes à ficção científica. Questões desse tipo não poderão ser detalhadas aqui, considerando o escopo de discussão do presente artigo. De todo modo, gostaria de ressaltar que as mesmas emoções, as mesmas preocupações humanas ficcionalizadas em *Oryx e Crake*, que foi um dos objetos de estudo durante minha pesquisa de doutorado, ecoam em outras narrativas, sobretudo em *Não verás pais nenhum* e em *A extinção das abelhas*. Preocupações estão diretamente atreladas às emoções humanas que são mobilizadas pelas personagens dos romances ora comparados.

Na narrativa de Brandão, nessa perspectiva, Souza se mostra sempre com medo: “Vivo com medo [...] Tenho medo de pensar nisso. Medo de falar com alguém a respeito” (BRANDÃO, 2019, p. 36-37). Mesmo assim, o narrador discorre de maneira eloquente a causa de tanto temor: escassez de comida e de água, controle e vigilância contante típicos de sistemas opressores distópicos, além do cheiro de morte, como descrito na seguinte passagem:

O cheiro infeto de mortos se mistura ao dos inseticidas impotentes e aos formóis. Acre, faz o nariz sangrar em tardes de inversão atmosférica. Atravessa as máscaras obrigatórias, resseca a boca, os olhos lacrimejam, racha a pele. Ao nível do chão, os animais morrem. [...] Forma-se uma atmosfera pestilencial que uma bateria de ventiladores possantes procura inutilmente expulsar (BRANDÃO, 2019, p. 14).

A descrição acima nos mostra uma atmosfera inóspita que inviabiliza o ânimo de qualquer ser vivente. O “cheiro” de morte e a inutilidade dos ventiladores mencionados servem como um lembrete da situação apocalíptica em que vivem tais personagens. Semelhantemente, no romance de Polesso, o medo é constante e acentuado na fala de Regina ao questionar: “Aí tu também ouve a palavra colapso todos os dias?” (POLESSO, 2021, p. 17).

Inclusive a referência ao colapsômetro ao longo do texto se repete algumas vezes, que funciona como um alerta, mas que simultaneamente cria um estado de tensão para as personagens daquele contexto, assim como para nós que lemos a narrativa. Isso é corroborado mais uma vez em um comentário de Regina: “As previsões tinham desanimado as populações. E isso era muito ruim. A sensação de desânimo. Não se podia aventar dados de uma catástrofe potencial” (POLESSO, 2021, p. 26). Discordo da ideia emitida nesta última frase, já que venho defendendo a proposta de precaução, segundo Wallace (2016) como meio de mitigação para catástrofes ambientais. Em contrapartida, a sensação de desânimo narrada em *A extinção das Abelhas*, acompanha a trajetória do narrador de *Não verás pais nenhum*, cujo título evoca um tom pessimista inerente às narrativas distópicas.

Ainda no tocante ao livro de Brandão, uma imagem que chama a minha atenção tem a ver com a presença de personagens na narrativa, referidas com “Carecas”, e que constituem um grupo de pessoas que supostamente apresentam sequelas provenientes da exposição duradoura ao sol. Souza nos descreve sua sensação ao ver um homem careca nos seguintes termos:

O homem careca me olhava penetrante, ameaçador. [...] Um olhar surpreendente. Esquivo e ao mesmo tempo atravessador. O que me impressionou foi a cor da pele. Dava até mal-estar. Vermelha. De pessoa branca que ficou muito exposta ao sol. Nem um só fio de cabelo. A pele da cabeça transformada em placas ressequidas, como solo de caatinga (BRANDÃO, 2019, p. 28).

A medida em que lemos o trecho acima, percebemos o impacto que tal imagem causa na voz narrativa. Os usos de uma metáfora (placas ressequidas) e de uma comparação (como solo de caatinga), aludem claramente às consequências das mudanças climáticas, quando estas resultam em eventos extremos de sol intenso e de calor. O que gostaria de comentar ainda acerca da citação tem a ver da relevante contribuição do texto literário para a nossa compreensão da emergência climática. Como nos lembra, Mehnert (2016, p. 8),

A importância da literatura para discussões sobre as mudanças climáticas reside precisamente em seu potencial de oferecer imaginários para um domínio pouco familiar do futuro. Ela, portanto, não apenas reformula dados científicos de maneira que fornece entendimento dos aspectos íntimos das lutas humanas em ambientes alterados, expõe potenciais conflitos e está

habilitada a criar afeto, mas também dar forma à própria noção das mudanças climáticas.<sup>7</sup>

Diante do exposto, cabe a mim ressaltar a potência dos textos de Brandão e de Polesso, aqui analisados brevemente, em mobilizar os riscos iminentes às ações antropogênicas para com o meio ambiente, e seu principal catalisador dos efeitos catastróficos das mudanças climáticas. Em outras palavras, tanto *Não verás pais nenhum* quanto *A extinção das Abelhas*, como narrativas de ficção climática, traduzem para linguagem literária tudo aquilo, a meu ver, que abarca o maior fenômeno da escala global.

#### 4. Considerações finais

Quando comecei a pesquisar sobre o gênero *cli-fi* alguns anos atrás, meu enfoque apenas se restringia às literaturas de língua inglesa. Felizmente, meus horizontes de leitura se ampliaram e pude constatar que a ficção climática também existe em outros idiomas, inclusive em língua portuguesa. No âmbito da literatura brasileira contemporânea, descobri dois romances que nos proporcionam um entendimento de como o tema das mudanças climáticas pode ser traduzido para a linguagem literária. Por este motivo, eu propus este estudo comparatista a partir de *Não verás pais nenhum* e *A extinção das abelhas*. Repetir os títulos das obras mais uma vez é a minha estratégia deliberada de evidenciar o tom pessimista, mas também de alerta, das narrativas, acentuando assim as consequências catastróficas que são ficcionalizadas por Ignácio de Loyola Brandão e Natalia Borges Polesso.

O estudo deste artigo não faz jus à abrangência de discussão que os dois romances permitem. O texto de Brandão com 381 páginas e o de Polesso com 305, certamente nos oferecem uma variedade de informações pertinentes que não foram contempladas dentro do escopo desta breve reflexão. Além do tema das mudanças climáticas que foi o fio condutor da análise, outros poderiam ter sido abordados mais detalhadamente. De todo modo, não podemos perder de vista a ênfase dada à questão do clima e como esta repercute nas vidas das personagens em ambos os romances,

<sup>7</sup> No original: “The importance of literature for the discussions of climate change lies precisely in its potential to offer imaginaries for the unfamiliar realm of the future. It thereby not only reframes scientific data in a way that provides insight into the intimate aspects of human struggles in altered environments, exposes potential conflicts and is able to create affect, but shapes the very idea of climate change”.

sobretudo na mobilização de determinadas emoções, tais como: medo, ansiedade e desânimo. Estas, por sua vez, são acionadas mediante os cenários de escassez, de incertezas em relação ao futuro, e de calor intenso, como é narrado por Souza: “O mormaço rescalda a cidade, inflama a gente” (BRANDÃO, 2019, p. 14).

Ao ler uma passagem como essa, algumas pessoas poderiam questionar o exagero das informações. Eu pessoalmente acredito que as imagens hiperbólicas, tais como as descritas pelas vozes narrativas, exercem uma função de grande relevância na comunicação das mudanças climáticas. Nessa linha de raciocínio, cabe lembrar que *Não verás país nenhum* e *A extinção das abelhas* são também exemplos de ficção distópica. E sobre isso, cito o seguinte: “Distopias são, quase sempre, mais advertências terríveis do que sátiras, sombras escuras lançadas pelo presente para o futuro. Elas são o que nos acontecerá se não tratarmos de prestar mais atenção no que estamos fazendo” (ATWOOD, 2009, p. 106-107). Enquanto narrativas de ficção climática, os livros de Brandão e de Polesso se alinham ao pensamento de Mehnert (2016) quando ela enfatiza que em textos do gênero *cli-fi*, podemos nos deparar com situações hipotéticas com vidas, futuros e paisagens alternativas, como se estes fossem real.

Isto posto e por acreditar na potência da arte, mais especificamente, no poder humanizador da literatura, como ressalta Antonio Candido, tenho me dedicado aos estudos que envolvem a interface literatura e meio ambiente, pois essa relação mobiliza conceitos pertinentes, tais como Antropoceno, sustentabilidade, sobrevivência, dentre outros. Recorrer a dois romances da literatura brasileira contemporânea em que o tema das mudanças climáticas é evocado, permite-me ampliar a rede de debate necessário e urgente daquele que é indubitavelmente o assunto mais importante do momento.

## Referências

ATWOOD, Margaret. *Buscas curiosas*. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola Brandão. *Não verás país nenhum*. 28.ed. São Paulo: Global, 2019.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Ed. UnB, 2006.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MEHNERT, Antonia. *Climate change fictions: representations of global warming in American literature*. Los Angeles: Palgrave Macmillan, 2016.

MENELY, Tobias; TAYLOR, Jesse Oak. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.) *Anthropocene Reading: literary history in geologic times*. Pensilvânia: The Pennsylvania University Press, 2017, p. 01-24.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, Teoria e crítica*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

OPPERMANN, Serpil; IOVINO, Serenella. Introduction: the environmental humanities and the challenges of the anthropocene. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Environmental humanities: voices from the anthropocene*. Nova York: Rowman & LittleField, 2017, p. 01-21.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SCHNEIDER-MAYERSON, Matthew. Climate change fiction. In: SMITH, Rachel G. *American literature in transition, 2000-2010*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 309-321.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. *Apocalipse, sobrevivência e pós-humano: uma narrativa ecocrítica da trilogia MaddAddam, de Margaret Atwood*. 2019. 225f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, 2019.

WALLACE, Molly. *Risk criticism: precautionary reading in an age of environmental uncertainty*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2016.